

The Geographical Journal  
No. 4, Abril 1904. Vol. XXIII

## O PIVÔ GEOGRÁFICO DA HISTÓRIA\*

Por H. J. MACKINDER, M. A., Professor de Geografia na Universidade de Oxford; Diretor da  
Escola de Londres de Economia e Ciência Política.

*Tradução:*  
*Thiago Alberto Coloda*  
*Bianca de Andrade*

Quando os historiadores, num futuro remoto, olharem para os séculos que vivemos e vê-los resumidamente, como hoje olhamos as dinastias egípcias, pode-se muito bem presumir que eles descrevam os últimos 400 anos como a época Colombiana e dizer que esta terminou com o século XIX. Ultimamente, tem sido comum falar que a exploração geográfica está quase terminada e é reconhecido que a geografia deve ser desviada para fins de pesquisa intensiva e sínteses filosóficas. Em 400 anos, o mapeamento do globo foi concluído com uma boa precisão, e até mesmo nas regiões polares as viagens de Nansen e Scott tem reduzido de forma muito restritiva as possibilidades de novas descobertas. Mas o início do século XX é apropriado como o fim de uma grande época histórica, não apenas por conta dessas realizações, apesar de serem grandes. O missionário, o conquistador, o fazendeiro, o mineiro e, posteriormente, o engenheiro, seguiram de perto os passos do viajante pelo mundo em suas fronteiras remotas, apesar de reveladas prematuramente, devemos antes registrar sua virtual apropriação política, quase total. Na Europa, América do Norte, América do Sul, África e Austrália, dificilmente haverá uma região que se deixou controlar sem que já tenha uma reivindicação de propriedade, a não ser como resultado de uma guerra entre as potências civilizadas ou semicivilizadas. Mesmo na Ásia testemunhamos os últimos movimentos do primeiro jogo que foi travado entre o cavaleiro de Yermak, o Cossaco e o navegante Vasco da Gama. De modo geral, pode-se contrastar a época Colombiana com a idade que a precedeu, descrevendo as suas características essenciais, como a expansão da Europa contra as resistências quase insignificantes, enquanto que a cristandade medieval foi reprimida apenas em uma estreita região ameaçada pela barbárie externa. A partir do momento atual, na era pós-Colombiana, voltaremos a ter que lidar com um sistema político fechado, e nada menos que de alcance mundial. Toda

\* Lido na Sociedade Geográfica Real, Londres, 25 de janeiro de 1904.

explosão de forças sociais, ao invés de se dissipar em um circuito ao redor do espaço desconhecido e caos bárbaro, será fortemente ecoada do outro lado do globo, e os elementos fracos no organismo político e econômico mundial irão destarte romper-se. Há uma grande diferença de efeito na queda de uma barreira em um aterro, e sua queda em meio a espaços fechados e estruturas rígidas de um grande edifício ou navio. Provavelmente, alguns com alguma consciência desse fato, são os últimos a desviar parte significativa da atenção dos estadistas em todas as partes do mundo da expansão territorial para a luta por uma eficiência relativa.

Parece-me, portanto, que na presente década, estamos pela primeira vez em posição de tentar, com algum grau de completude, uma correlação entre grandes generalizações geográficas e grandes generalizações históricas. Pela primeira vez, podemos perceber algo da proporção real de recursos e eventos em escala mundial, e pode-se buscar uma fórmula que expressa certos aspectos, pelo menos, do nexos de causalidade geográfica na história universal. Se tivermos sorte, a fórmula deveria ter um valor prático na definição da perspectiva de algumas das forças concorrentes no atual momento da política internacional. A frase familiar sobre a marcha para o oeste do império é uma tentativa empírica e fragmentária do gênero. Proponho esta noite, descrevendo as características físicas do mundo, que acredito ter sido o mais coercitivo da ação humana, e apresentar algumas das principais fases da história como organicamente ligados a elas, mesmo em épocas quando eram desconhecidos pela geografia. Meu objetivo não é discutir a influência deste ou daquele tipo de recurso ou, ainda, fazer um estudo da geografia regional, mas sim expor a história humana como parte da vida do organismo mundial. Eu reconheço que só posso chegar a um aspecto da verdade, e eu não tenho nenhum desejo de fugir perder-me em um materialismo excessivo. O homem inicia e não a natureza, mas esta em grande parte determina. Minha preocupação é com o controle físico geral, ao invés das causas da história universal. É óbvio que apenas uma primeira aproximação da verdade pode ser esperada. Eu serei humilde para com os meus críticos.

O já falecido Professor Freeman declarou que a única história que contam é a do Mediterrâneo e das raças europeias. Em certo sentido, é claro, isso é verdade, pois ela está entre essas raças que originaram as ideias, que tornaram os herdeiros da Grécia e Roma dominantes em todo o mundo. Em outro sentido muito importante, no entanto, essa limitação tem um efeito doloroso sobre o pensamento. As ideias que vão formar uma nação, ao contrário de uma mera multidão de animais humanos, têm sido geralmente aceitas sob a pressão de uma aflição comum, e sob uma necessidade comum de resistência a uma força externa. A ideia da Inglaterra foi contestada pela heptarca dos conquistadores dinamarqueses e normandos, a ideia da França foi forçada mediante concorrência de francos, godos, romanos e hunos em Châlons e na Guerra dos Cem Anos com a Inglaterra, a ideia de Cristandade, nascida das perseguições romanas, foi amadurecida pelas

Cruzadas, a ideia dos Estados Unidos foi aceita e o patriotismo local colonial destruído somente na longa guerra pela independência, a ideia do Império Alemão foi aprovada relutantemente no sul da Alemanha só depois de uma luta contra a França em camaradagem com o norte da Alemanha. Que ela possa ser descrita como uma concessão literária da história, concentrando a atenção somente nas ideias e da civilização, a civilização, cujos resultados tendem a perder de vista os movimentos mais elementares, que pressionam e geram a causa que produz as tensões das quais se nutrem as grandes ideias. Uma personalidade repelente desempenha uma função social importante em unir os seus inimigos, e foi sob a pressão externa da barbárie que a Europa conseguiu sua civilização. Peço-lhe, portanto, por um momento a olhar para a Europa e sua história como subordinada a história asiática, para a civilização europeia é, num sentido muito real, o resultado da luta secular contra a invasão asiática.

O contraste mais notável no mapa político da Europa moderna é, no presente, apresentado pela vasta área da Rússia, ocupando metade do continente, e aquela do grupo de territórios menores habitados pelas potências ocidentais. Do ponto de vista físico, há, naturalmente, como um contraste entre a planície inteira do leste e o rico complexo de montanhas e vales, ilhas e penínsulas, que juntos formam o restante desta parte do mundo. A primeira vista, parece que nestes fatos familiares temos uma correlação entre o ambiente natural e a organização política tão óbvia que dificilmente será digna de descrição, especialmente quando verificamos que em toda a planície russa um inverno rigoroso se opõe a um verão quente, e as condições da existência humana, assim, processam-se pouco uniformes. No entanto, uma série de mapas históricos, tais como os contidos no Atlas de Oxford, revelará o fato de que não é só coincidência a aproximação da parte europeia da Rússia com a Planície Oriental da Europa, uma questão dos últimos cem anos, quando antes disto se reafirmava, persistentemente, outra tendência no agrupamento político. Dois grupos de estados normalmente dividiram o sistema político do país em norte e sul. O fato é que o mapa orográfico não expressa esse contraste físico específico, que até muito recentemente controlava o movimento humano e a colonização na Rússia. Quando a camada de neve desaparece da face norte da grande planície é seguida pelas chuvas, cujo máximo ocorre em maio e junho junto ao mar Negro, e perto do mar Báltico e Branco é adiada para julho e agosto. No sul, o posterior verão, é um período de seca. Em consequência deste regime climático, que no norte e noroeste da floresta interrompe-se apenas nos pântanos, no sul e sudeste há uma estepe gramínea ilimitada, com árvores apenas ao longo dos rios. A linha que separa as duas regiões corre em diagonal norte-leste desde o extremo norte dos Cárpatos a um ponto da cadeia montanhosa dos Urais mais próximo ao seu sul do que a sua extremidade norte.



Moscú encontra-se um pouco ao norte desta linha, ou, em outras palavras, do lado em que está a floresta. Fora da Rússia o limite da grande floresta corria para o oeste quase exatamente através do centro do istmo europeu, que é de 800 km entre o Báltico e o Mar Negro. Além disso, na península europeia, as florestas espalham-se sobre as planícies da Alemanha do Norte, enquanto que os terrenos de estepe no sul transformaram-se na grande baluarte da Transilvânia dos Cárpatos, que estende-se para o Danúbio, pelo que agora são os campos de milho da Romênia, e para as Portas de Ferro. Uma área isolada de estepes, conhecida localmente como Pusztas, hoje largamente cultivada, ocupou a planície da Hungria, envolvida pela borda da floresta dos Cárpatos e da cordilheira dos Alpes. Em todo o oeste da Rússia, exceto no extremo norte, a derrubada das matas, a drenagem dos pântanos e o preparo das estepes modificaram recentemente as características da paisagem, que em grande parte obliterou uma distinção que foi, anteriormente, muito coercitiva da humanidade.



Antigamente a Rússia e a Polônia eram completamente estabelecidas nas clareiras da floresta. Através da estepe, por outro lado, veio dos recessos desconhecidos da Ásia, pela entrada entre os montes Urais e o mar Cáspio, em todos os séculos a partir do quinto para décimo sexto, uma sucessão impressionante de povos nômades turanianos - hunos, ávaros, búlgaros, magiares, khazares, patzinaks, cumanos, mongóis, kalmuks. Seguindo Átila, os hunos estabeleceram-se no meio do Pushtas, nos confins do Danúbio e estranho às estepes, e daí, se moveram para o norte, oeste e sul contra povos sedentários da Europa. Uma grande parte da história moderna poderia ser



escrita como um comentário sobre as mudanças, direta ou indiretamente, decorrentes desses ataques. Os Anglos e os Saxões, possivelmente, foram então levados a cruzar os mares para fundar a Inglaterra na Grã-Bretanha. Os francos, godos e as províncias romanas foram obrigados, pela primeira vez, a estar ombro a ombro no campo de batalha de Chalons, fazendo causa comum contra os asiáticos, que estavam inconscientemente unindo a França moderna. Veneza foi fundada a partir da destruição de Aquiléia e Pádua, e até mesmo o papado teve prestígio decisivo para a mediação bem sucedida do Papa Leão com Átila, em Milão. Essa foi a safra de resultados produzidos pela nuvem de cavaleiros cruéis e sem ideias que pairou sobre a planície sem obstáculos - um golpe, a partir do grande martelo asiático, como que batendo livremente pelo espaço vazio. Os hunos foram seguidos pelos ávaros. Foi por uma marcha contra esses que a Áustria foi fundada, e em Viena fortificada, como resultado das campanhas de Carlos Magno. O Magyar veio em seguida e, por invadir incessantemente de sua base na estepe da Hungria, aumentou a importância do posto avançado austríaco e, então, desenhou o foco político da Alemanha a leste da margem do reino. O

búlgaro estabeleceu uma casta dirigente ao sul do Danúbio e deixou seu nome no mapa, mas, apesar da linguagem, submeteu-se aos servos eslavos. Talvez a ocupação mais longa e mais eficaz das estepes russas foi a dos khazares, que eram contemporâneos ao grande movimento de Saraceni: os geógrafos árabes conheciam o Mar Cáspio como mar de Khazar. No final, porém, chegaram novas hordas da Mongólia e, durante dois séculos, a Rússia, restrita às florestas do norte, manteve-se tributária aos Khans mongóis de Kipchak por toda a estepe e o desenvolvimento da Rússia foi, assim, adiado tendenciosamente em um momento em que o resto da Europa foi avançando rapidamente.

Cumprido assinalar que, os rios que correm desde a floresta até os mares Negro e Cáspio, cruzam toda a extensão da estepe caminho dos nômades, onde vez por outra tinham movimentos transitórios ao longo de seus cursos, paralelamente ao movimento dos cavaleiros. Assim como os missionários do cristianismo grego subiram pelo rio Dnieper até a cidade de Kievo ou como, anteriormente, os varangianos nórdicos tinham descido pelo mesmo rio em seu caminho para Constantinopla. Ainda há pouco, os Godos Teutônicos surgiram por um momento sobre o rio Dniester, tendo atravessado a Europa a partir da costa do Báltico, no mesmo sentido sul-leste. Mas este episódio não invalida a generalização mais ampla. Por milhares de anos uma série de povos a cavalo surgiu da Ásia através do amplo espaço entre as montanhas Urais e o mar Cáspio, andava pelos espaços abertos do sul da Rússia, e descansava na Hungria, no coração da península europeia, moldados pela necessidade de se contrapor a história de cada um dos grandes povos espalhados – os russos, os alemães, os franceses, os italianos e os gregos bizantinos. Eles que estimularam uma reação saudável e poderosa ao invés de esmagar a oposição sob o despotismo generalizado, devido ao fato de que a mobilidade do seu poder foi condicionada pelas estepes, e necessariamente interrompida nas florestas e montanhas circundantes.

O poder rival dos vikings era condicionado pela mobilidade em seus barcos. Descendentes da Escandinávia, do norte e litoral sul da Europa penetraram no interior pelos caminhos dos rios. Mas o âmbito da sua ação era limitado, pois, de um modo geral, o seu poder foi eficaz apenas nas proximidades da água. Assim, os povos estabelecidos da Europa estavam presos entre duas pressões – a dos nômades asiáticos do leste e, nos outros três lados, pelos piratas do mar. Diante de sua própria natureza e de uma pressão que não foi tão esmagadora, ambos foram estimulantes. Vale ressaltar que a influência dos escandinavos foi secundária em importância diante daquela dos nômades, uma vez que ao abrigo dos seus ataques, Inglaterra e França fizeram movimentos longos em direção à unidade, enquanto a unidade da Itália foi quebrada até então. Nos tempos antigos, Roma havia mobilizado o poder sobre os povos estabelecidos por meio de suas estradas, mas as estradas romanas tinham entrado em decadência, e não foram substituídas até o século XVIII.

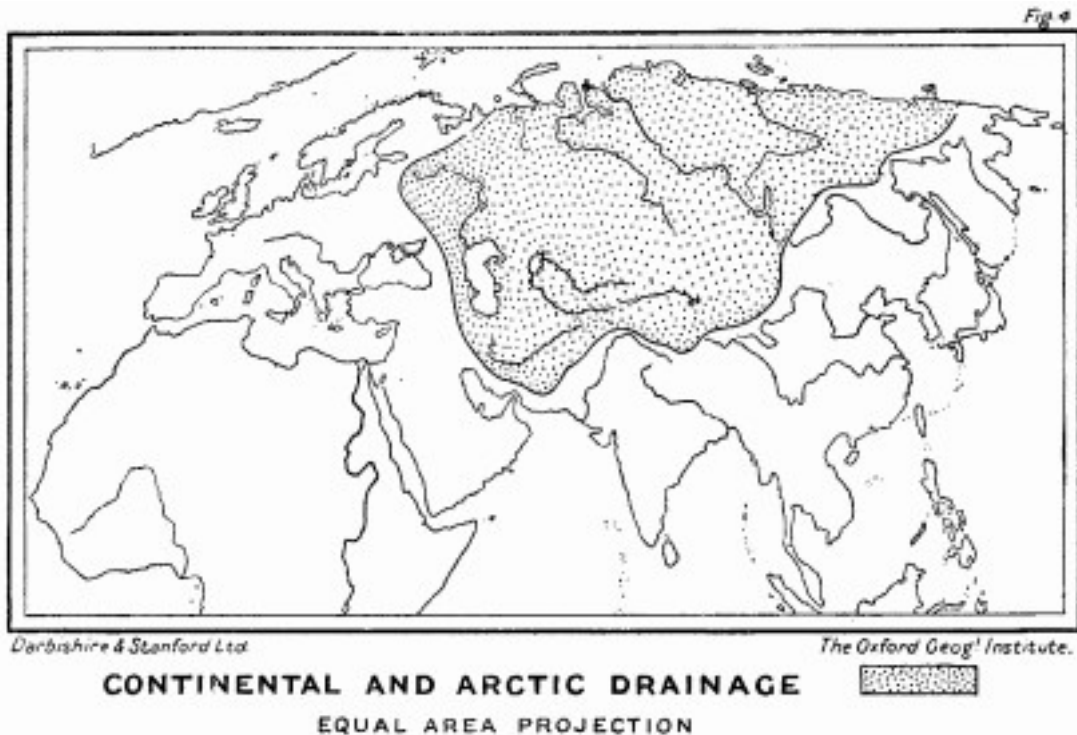
É provável que, mesmo a invasão dos hunos, de modo algum, fosse a primeira da série asiática. Nas citas do Homero e os contos de Heródoto, bebendo do leite dos mares, e obviamente praticando as mesmas artes da vida, deduz-se que provavelmente eram da mesma raça dos habitantes posteriores da estepe. Os elementos celtas nos nomes dos rios Don, Donetz, Dneiper, Dneister e Danúbio, possivelmente, expressam a passagem de populações de hábitos similares, embora não necessariamente de raça idêntica, mas não é improvável que os Celtas vieram das florestas do norte, como os godos e varagianos, posteriormente. A grande cunha da população braquicéfala – como caracterizam os antropólogos -, no entanto, se dirigiu para o oeste dos asiáticos, através da Europa Central, na França, e é aparentemente intrínseco entre as populações do norte, oeste e sul Dolicocéfalo que podem muito provavelmente terem sido derivados da Ásia<sup>1</sup>.

O pleno significado da influência asiática sobre a Europa não é, no entanto, perceptível até chegarmos às invasões mongóis do século XV, mas antes de analisar os fatos essenciais a estes, é aconselhável mudar o nosso ponto de vista geográfico da Europa, de modo que possamos considerar o Velho Mundo na sua totalidade. É óbvio que, uma vez que a precipitação é derivada do mar, o coração da maior massa de terra deverá ser relativamente seco. Não estamos, portanto, surpresos ao descobrir que dois terços da população de todo o mundo está concentrada em áreas relativamente pequenas, ao longo das margens do grande continente – na Europa, ao lado do oceano Atlântico, nas Índias e na China, além dos Oceanos Índico e Pacífico. Um vasto cinturão quase desabitado – pois praticamente não chove – formado de terras extensas como o Saara, cruza o Norte de África até a Arábia. A África Central e Meridional foram quase tão completamente separadas da Europa e Ásia durante a maior parte da história, como foram as Américas e a Austrália. De fato, a fronteira sul da Europa foi – e é – o Saara, em vez de os países do Mediterrâneo, pois é o deserto que separa o homem negro do branco. A massa de terra contínua da Eurásia assim incluída entre o mar e o deserto mede 21.000.000 milhas quadradas, ou metade de todas as terras do globo, se excluir do cálculo os desertos do Saara e da Arábia. Há muitos desertos de destaque espalhados pela Ásia, do nordeste da Síria e da Pérsia até a Manchúria, mas esse espaço contínuo não pode ser comparado ao Saara. Por outro lado, a Eurásia é caracterizada por uma distribuição muito notável de drenagem de rios. Ao longo de uma imensa porção do centro e norte, os rios têm sido praticamente inúteis para a finalidade da comunicação humana com o mundo exterior. O Volga, o Oxus e o Jaxartes drenam-se em lagos de sal, o Obi, o Yenesei e o Lena para o mar congelado do norte.

---

<sup>1</sup> Ver 'Raças da Europa', pelo Prof. W. Z. Ripley (Kegan Paul, 1900).





Estes são seis dos maiores rios do mundo. Há muitos rios menores, mas ainda consideráveis córregos, na mesma área, como o Tarim e o Helmund, que também não conseguem atingir o oceano. Assim, o núcleo da Eurásia, embora marcado com manchas desérticas, é uma estepe, fornecendo um conjunto generalizado de, muitas vezes, escassas pastagens, e não há algum oásis que não seja alimentado por rios, mas é totalmente impenetrável por cursos de água do oceano. Em outras palavras, temos nesta imensa área todas as condições para a manutenção de uma esparsa, mas num agregado considerável, população de nômades criadores de cavalos e camelos. O seu reino está limitado ao norte por um cinturão de floresta subártica e pântanos, onde o clima é muito rigoroso, exceto nas extremidades leste e oeste, para o desenvolvimento de assentamentos agrícolas. No leste, a floresta se estende ao sul para a costa do Pacífico na terra de Amur e na Manchúria. Da mesma forma, a oeste, na Europa pré-histórica, a floresta era a vegetação predominante. Assim enquadrado no nordeste, norte e noroeste, as estepes espalham-se continuamente por 4.000 milhas a partir de Pustas, na Hungria, para o Pequeno Gobi, na Manchúria, e, exceto em sua extremidade ocidental, elas não eram cortadas por rios que drenam para um oceano acessível, pois podemos negligenciar os esforços muito recentes para o comércio com a foz do Obi e Yenisei. Na Europa, Sibéria e no Turquestão Ocidental, áreas de estepes estão, agora, em alguns lugares, abaixo do nível do mar. Mais ao leste, na Mongólia, elas se estendem por planaltos, mas a passagem de um nível para outro, em faixas sem escarpas mais baixas no coração da terra árida, apresenta pouca dificuldade.

As hordas, que finalmente caíram sobre a Europa em meados do século XIV, reuniram suas

forças nas primeiras 3.000 milhas de distância nas estepes da Alta Mongólia. Os estragos causados por alguns anos na Polônia, Silésia, Morávia, Hungria, Croácia, Sérvia, foram, no entanto, mais distantes – como resultado transitório da grande agitação dos nômades do Oriente, associada ao nome de Ghenghiz Khan. Enquanto a Horda de Ouro ocupou a estepe de Kipchak, a partir do Mar de Aral, por meio do espaço entre os montes Urais e o Mar Cáspio, ao pé dos montes Carpatianos, outra horda, descendo ao sudoeste, entre o mar Cáspio e o Hindu Kush na Pérsia, Mesopotâmia, e até mesmo para a Síria, fundou o domínio do Ilkhan. Outro terço, posteriormente, atingiu o norte da China, conquistando Cathay. Índia e Mangi, ou sul da China, que foram, por um tempo, abrigados pela barreira incomparável do Tibet, cuja eficácia talvez não exista no resto do mundo, a não ser no deserto do Saara e nas calotas polares. Mas em um momento posterior, nos dias de Marco Polo no caso do Mangi, nas de Tamerlão no caso da Índia, o obstáculo foi contornado. Assim aconteceu que, neste caso típico e bem gravado, todas as margens constantes do Velho Mundo, mais cedo ou mais tarde, sentiram a força expansiva da energia móvel originária das estepes. Rússia, Pérsia, Índia e China fizeram-se tributários ou receberam dinastias mongóis. Mesmo incipiente, o poder dos Turcos na Ásia Menor foi derrubado por meio século.

Como no caso da Europa, em outras terras periféricas da Eurásia há registros de invasões anteriores. A China teve, mais de uma vez, que submeter-se à conquista do norte; a Índia, várias vezes, para a conquista do noroeste. No caso da Pérsia, no entanto, ao menos um dos descendentes anteriores tem um significado especial na história da civilização ocidental. Três ou quatro séculos antes dos mongóis, os turcos seljúcidas, emergentes da Ásia Central, invadiram por este caminho uma imensa área de terra, que podemos descrever como um dos cinco mares – Mar Cáspio, Negro, Mediterrâneo, Vermelho e Persa. Eles se estabeleceram em Kerman, no Hamadan, e na Ásia Menor, e derrubaram o domínio sarraceno de Bagdá e Damasco. Foi ostensivamente para punir o tratamento dos peregrinos cristãos em Jerusalém que a cristandade se comprometeu com a grande série de campanhas conhecidas como Cruzadas. Embora estas tenham falhado em seus objetivos imediatos, elas se movimentaram e a Europa chamaria isso de início da história moderna – outro exemplo marcante do avanço europeu estimulado pela necessidade de reagir a pressão do coração da Ásia.

A concepção da Eurásia, assim é, de que se consegue atingir uma terra contínua, cingida de gelo no norte, cingida de água em outros lugares, medindo 21 milhões de milhas quadradas; ou mais de três vezes a área da América do Norte, cujo centro e norte, medindo cerca de nove milhões de milhas quadradas; ou mais de duas vezes a área da Europa, não tem água disponível, caminhos para o oceano, mas, na terra, exceto na floresta subártica, geralmente é muito favorável a mobilidade de homens a cavalo e a camelo. Para leste, sul e oeste do Coração Continental estão as regiões

periféricas, variadas em um crescente vasto, acessível por navegação. De acordo com a conformação física, essas regiões são em número de quatro, e não é menos notável que, de um modo geral, respectivamente, coincidem com as esferas das quatro grandes religiões – budismo, bramismo, islamismo e cristianismo. As duas primeiras são as terras de monção, uma em direção ao Pacífico, e outra em direção ao oceano Índico. A quarta é a Europa, regada pelas chuvas do Atlântico a partir do oeste. Essas três juntas, medindo menos de sete milhões de milhas quadradas, tem mais de um bilhão de pessoas ou dois terços da população mundial. A terceira, coincidindo com a terra dos cinco mares, ou como é mais frequentemente descrita, o Oriente Médio, está, em grande medida, privada de umidade pela proximidade com a África, e, exceto nos oásis, é, portanto, escassamente povoada. Em certa medida, participa das características tanto do cinturão de margens quanto da área central da Eurásia. É essencialmente desprovida de floresta, é emendada com o deserto, e é por isso adequada para as operações dos nômades. Dominante, porém é marginal, pois o mar e rios oceânicos a colocam aberta ao poder do mar, e permitem o exercício de tal poder a partir dele. Como consequência, periodicamente ao longo da história, temos tido aqui impérios que pertencendo essencialmente à série marginal, com base nas populações agrícolas dos grandes oásis da Babilônia e Egito, e pela água, travaram livre comunicação com o mundo civilizado do Mediterrâneo e das Índias. Mas, como seria de se esperar, estes impérios tinham sido sujeitos a uma série sem precedentes de revoluções, algumas incursões por citas, turcos e mongóis da Ásia Central, outras pelo esforço dos povos do Mediterrâneo para conquistar os caminhos por terra a partir do Oeste para o oceano oriental. Aqui está o ponto mais fraco na cintura das antigas civilizações, pelo istmo de Suez, onde o poder marítimo foi dividido em Oriental e Ocidental, e as terras áridas da Pérsia, avançando da Ásia Central ao Golfo Pérsico, deram oportunidade constante para o poder nômade contra-atacar pelas bordas marítimas, dividindo-se a Índia e a China por um lado, o mundo mediterrânico por outro. Sempre que a Babilônia, a Síria e os oásis egípcios foram fracamente detidos, os povos da estepe poderiam considerar os planaltos abertos do Irã e da Ásia Menor como postos avançados ao oeste para atacar através do Punjab, na Índia, e através da Síria, ao Egito, e sobre a ponte quebrada do Bósforo e Dardanelos, a Hungria. Viena estava no portão do Interior da Europa, suportando os ataques nômades, aqueles que vieram pela estrada direta das estepes da Rússia, e aqueles que deram a volta pelo caminho ao sul do mar Negro e Cáspio.

Aqui, temos ilustrada a diferença essencial entre os sarracenos e os controles turcos do oriente mais próximo. Os sarracenos eram um ramo da raça semítica, essencialmente povos do Eufrates e do Nilo e dos oásis da Baixa Ásia Menor. Eles criaram um grande império, valendo-se de duas mobilidades permitidas pela sua terra – a cavalo e camelo, por um lado, e a navio, por outro. Em diferentes momentos as suas frotas controlaram tanto o Mediterrâneo quanto a Espanha, e no

Oceano Índico as ilhas Malawi. De sua posição estrategicamente central entre os oceanos orientais e ocidentais, eles tentaram a conquista de todas as terras ao redor do Velho Mundo, imitando Alexandre e antecipando Napoleão. Eles puderam até ameaçar a estepe. Completamente distinta, a partir da Arábia, como a da Europa, Índia e China foram os pagãos turanios do fechado Coração Asiático e os turcos quem destruíram a civilização sarracena.

A navegação apresenta-se como um concorrente direto do transporte terrestre feito por cavalos e camelos no Coração Continental. Foi sobre a navegação dos rios oceânicos que se baseou o estágio potâmico das civilizações; a da China sobre o Yang-tse; a da Índia sobre o Ganges; a da Babilônia sobre o Eufrates; a do Egito sobre o Nilo. Foi essencialmente sobre a navegação do Mediterrâneo que foi baseada o que foi descrito como o período Talássico da civilização, a dos gregos e romanos. Os sarracenos e os Vikings dominaram as costas oceânicas pela navegação.

O resultado mais importante da descoberta do caminho do Cabo para as Índias foi ligar a navegação costeira ocidental e oriental da Eurásia, embora por um caminho tortuoso e, portanto, em certa medida, para neutralizar a vantagem estratégica da posição central da estepe dos nômades, pressionando sobre sua retaguarda. A revolução foi iniciada pelos grandes marinheiros da geração colombiana envolvida pela cristandade e de uma maior mobilidade possível de poder, contudo, menor mobilidade de velocidade. O oceano é um contínuo que envolve as divisões e as divididas terras insulares e, naturalmente, a condição geográfica da unidade final no comando do mar, e de toda a teoria da estratégia naval moderna e política, tal como entendida por escritores como capitão Mahan e Sr. Wilkison Spencer. O efeito político alargado era inverter as relações da Europa e da Ásia, por considerar que, se na Idade Média, a Europa estava enjaulada entre um deserto intransponível ao sul, um oceano desconhecido para o ocidente, e geleiras ou resíduos florestais para o norte e nordeste, e em leste e sudeste era constantemente ameaçada pela mobilidade superior dos homens a cavalo e a camelo, agora ela surgiu para o mundo, multiplicando mais de trinta vezes a superfície do mar e as terras costeiras a que tinha acesso, e envolvendo sua influência ao redor do poder terrestre Eurasiático, que até então, tinha ameaçado sua própria existência. Novas Europas foram criadas em terras sem ocupação, descobertas em meio às águas, a Bretanha e a Escandinávia já existiam desde épocas anteriores, mas a América e a Austrália, e até certo ponto a África Transaariana, agora se tornaram agregadas à Eurásia. Grã-Bretanha, Canadá, Estados Unidos, África do Sul, Austrália e Japão e são agora um anel de bases externas e insulares para o poder marítimo e comercial, e inacessíveis para o poder terrestre da Eurásia.

Mas o poder terrestre ainda permanece, e os acontecimentos recentes voltaram a aumentar a sua importância. Enquanto os povos marítimos da Europa Ocidental têm coberto o oceano com suas frotas, colonizando os continentes e em diferentes graus, tornou tributária nas margens oceânicas da

Ásia, a Rússia organizou os cossacos, e, emergindo de suas florestas do norte, tem integrado as estepes para fazer frente aos tártaros. O século de Tudor viu a expansão da Europa Ocidental para o mar, viu também o poder russo desenvolver-se a partir de Moscou em direção à Sibéria. O ataque violento dos cavaleiros pelo leste, cruzando toda a Ásia, foi um evento quase tão prolífico de consequências políticas como foi o contorno do Cabo, embora os dois movimentos estivessem, por muito tempo, separados.

É, provavelmente, uma das coincidências mais marcantes da história que a expansão marítima e a expansão terrestre da Europa deveriam, em certo sentido, continuar a antiga oposição entre romanos e gregos. Alguns grandes fracassos tiveram consequências de maior alcance do que o fracasso de Roma para latinizar. Os teutões foram civilizados e cristianizados pelos romanos, e os eslavos principalmente pelos gregos. Os teutões romanos posteriormente iniciaram a navegação pelo oceano; os greco-eslavos andavam sobre as estepes conquistando os turanianos. Assim, o poder terrestre moderno difere do poder marítimo não menos na fonte de seus ideais do que nas condições materiais de sua mobilidade\*.

Na vigília dos Cossacos, a Rússia emergiu em segurança de seu isolamento nas florestas do norte. Talvez a mudança de maior importância intrínseca que teve lugar na Europa, no século passado, foi a migração dos camponeses russos para o sul, de modo que, enquanto as ex-colônias agrícolas terminariam na fronteira da floresta, o centro da população de toda a Rússia europeia encontra-se agora para o sul desse limite, no meio dos campos de grãos que substituíram as estepes à oeste. Odessa tem aqui se destacado com a rapidez de uma cidade americana.

Uma geração do vapor e do canal de Suez pareceu ter aumentado a mobilidade do poder marítimo em relação ao poder terrestre. As ferrovias atuaram, principalmente, como alimentadoras do comércio em alto-mar. Mas as ferrovias transcontinentais estão transmutando as condições do poder terrestre, e em nenhum lugar elas tiveram tanto efeito como no fechado Coração Continental da Eurásia, em vastas áreas onde nem madeira e nem pedra estavam disponíveis para a criação de estradas. A maior maravilha da estepe é o trabalho ferroviário, pois substituiu diretamente a mobilidade do cavalo e do camelo, sendo o estágio de desenvolvimento rodoviário, até aqui, omitidos.

Na questão do comércio não deve ser esquecido os tráfegos oceânicos, embora relativamente baratos, geralmente envolvem a manipulação de quatro vezes mais mercadorias – na fábrica de origem, no cais de exportação, no cais de importação e no interior do armazém para distribuição ao

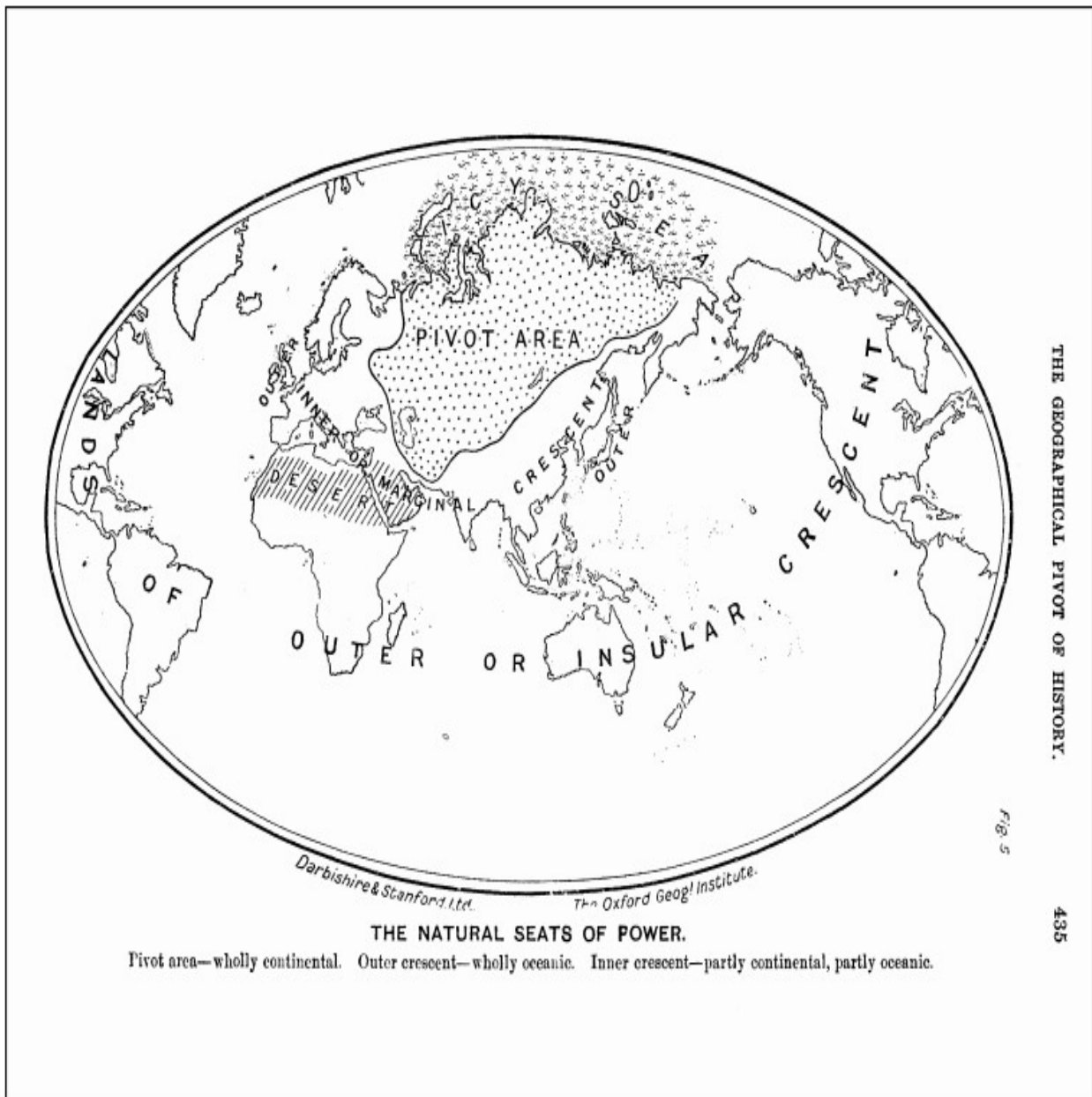
---

\* Esta afirmação foi criticada na discussão que se seguiu na leitura da revista. Reconsiderando o parágrafo, eu ainda acho isso substancialmente correto. Mesmo a Grécia Bizantina poderia ter sido outra se Roma tivesse completado a subjugação da Grécia antiga. Sem dúvida, ambos os ideais dialogariam se fossem Bizantinos ou Helênicos, mas não romanos. Este é o ponto.

varejo pelo caminhão –, quando o transporte ferroviário continental pode ser acionado diretamente da fábrica exportadora ao armazém de importação. Assim, a margem do consumo oceânico comercial tende, igualando outras coisas, a formar uma zona de penetração em volta dos continentes, cujo limite interno é aproximadamente marcado por uma linha ao longo do custo de quatro manejos e do frete oceânico, enquanto que o frete ferroviário, a partir da costa vizinha, é equivalente ao custo de dois manejos e do frete ferroviário continental. Ingleses e Alemães concorrem pelo carvão através do caminho para a Lombardia.

As ferrovias russas têm um caminho limpo de 6.000 milhas de Wirballen, no oeste, até Vladivostok, no leste. O exército russo na Manchúria é a evidência significativa de poder terrestre móvel, como o exército britânico na África do Sul era a de poder marítimo. É verdade que a ferrovia Trans-Siberiana ainda é uma linha única e precária de comunicação, mas o século não vai ser antigo antes de toda a Ásia ser coberta por ferrovias. Os espaços dentro do Império Russo e da Mongólia são tão vastos, e suas potencialidades na população – trigo, algodão, combustível e metais – incalculáveis. Isso inevitavelmente transformar-se-á num vasto mundo econômico, que mais ou menos distante, será inacessível ao comércio oceânico.

Ao considerarmos esta revisão rápida das correntes mais amplas da história, uma certa persistência de relações geográficas não torna-se evidente? Ao invés da região de articulação política do mundo, não é a vasta área da Eurásia, inacessível para os navios, que na antiguidade estava aberta para os nômades a cavalo, e hoje está ao ponto de ser coberta com uma rede de estradas de ferro? Foram – e estão aqui – as condições de uma mobilidade de poderes militar e econômico de longo alcance e de caráter ainda limitado. A Rússia substituiu o Império Mongol. A pressão sobre a Finlândia, a Escandinávia, a Polônia, a Turquia, a Pérsia, a Índia e a China substituiu as forças centrífugas das invasões dos homens da estepe. No mundo em geral, ela ocupa posição central estratégica comparável àquela realizada pela Alemanha na Europa. Ela pode atacar por todos os lados e ser atingida por todos os lados, salvo o norte. O pleno desenvolvimento da sua mobilidade ferroviária moderna é apenas uma questão de tempo. Também não é provável que qualquer possível revolução social vá alterar suas relações essenciais com os grandes limites geográficos de sua existência. Sensatamente, reconhecidos os limites de seu poder fundamental, seus governantes se separaram do Alasca, pois é como uma lei política para a Rússia não possuir nada ao longo do mar, assim como para a Bretanha ser suprema sobre o oceano.



Fora da área pivô, em um amplo crescente interno, estão Alemanha, Áustria, Turquia, Índia e China, e em um crescente externo, Inglaterra, África do Sul, Austrália, Estados Unidos, Canadá e Japão. Na condição atual do equilíbrio de poder, o Estado Pivô, a Rússia, não é equivalente a quaisquer outros estados periféricos, e não há espaço para um equilíbrio com a França. Os Estados Unidos recentemente se tornaram uma potência do leste, afetando o equilíbrio europeu, não diretamente, mas através da Rússia, e vai construir o canal do Panamá para fazer um novo Mississippi entre o Atlântico e o Pacífico e para fazer os recursos do Mississippi e Atlântico, disponíveis no Pacífico. Deste ponto de vista, a verdadeira divisão entre leste e oeste pode ser encontrada no Oceano Atlântico.

A definição do equilíbrio de poder, em favor do Estado Pivô, que resulta em sua expansão sobre as terras marginais da Eurásia, permitiria a utilização dos vastos recursos para a construção da frota continental, e o império do mundo, então, estaria à vista. Isso pode acontecer se a Alemanha viesse a se aliar da Rússia. A ameaça de um evento como esse deve, portanto, lançar a França em aliança com os poderes marítimos e, França, Itália, Egito, Índia e Coreia se tornariam múltiplas cabeças de ponte, cujas marinhas de fora apoiariam exércitos aliados para barrar o poder terrestre e impedir que o Pivô concentre toda a sua força sobre as frotas. Em certo sentido, algo equivalente ao que Wellington realizaria a partir de sua base marítima em Torres Vedras na Guerra Peninsular. Não pode este fim revelar a função estratégica da Índia no sistema imperial britânico? Não é essa a ideia subjacente a concepção que o Sr. Amery, na frente militar britânica, estendeu ao Cabo através da Índia ao Japão?

O desenvolvimento das vastas potencialidades da América do Sul pode ter uma influência decisiva sobre o sistema. Eles podem reforçar os Estados Unidos, ou, por outro lado, se a Alemanha viesse a desafiar a Doutrina Monroe com sucesso, eles poderiam separar Berlim do que eu, talvez, possa descrever como uma política pivô. As combinações particulares de poder postos em equilíbrio não são exatas; minha tese é que, do ponto de vista geográfico, é provável que as combinações mais prováveis ocorram em torno do Estado Pivô, que é sempre suscetível de ser grande, mas com mobilidade reduzida em comparação com o ambiente periférico e os poderes insulares.

Falei como geógrafo. O saldo real do poder político em um dado momento, por um lado, é produto das condições geográficas, tanto econômicas e estratégicas, e por outro lado, de números relativos: equipamentos, bravura e organização dos povos concorrentes. Na proporção em que estas quantidades são precisamente estimadas estamos propensos a ajustar as diferenças, sem o recurso brutal das armas. E as quantidades geográficas no cálculo são mais mensuráveis e quase mais constantes que o ser humano. Portanto, devemos esperar encontrar que a nossa fórmula se aplique igualmente à história passada e presente da política. Os movimentos sociais de todos os tempos jogam, essencialmente, com as características físicas do jogo, porque eu duvido que a dissecação progressiva da Ásia e da África, mesmo se efetivada no tempo histórico, produza substancial alteração no ambiente humano. A marcha do império para o oeste parece-me ter sido uma curta rotação do poder marginal da aresta sudoeste e oeste da área central. As questões do mais próximo, do médio, e do extremo Oriente relacionam-se com o equilíbrio instável dos poderes marítimo e continental nas áreas do crescente periférico, onde os poderes locais são, no presente, mais ou menos insignificantes.

Em conclusão, posso colocar em evidência que a emergência de qualquer nova autoridade



no interior da Rússia não tende a reduzir a importância geográfica da posição pivô. Foram os chineses, que organizados pelos japoneses, derrubaram o Império Russo e conquistaram seu território, e que podem voltar a constituir o perigo amarelo para a liberdade do mundo, apenas porque gostariam de acrescentar uma frente oceânica aos recursos do grande continente, uma vantagem que, até agora, a Rússia negou como usuária da região pivô.

---

Antes da leitura do documento, o presidente disse: “Estamos sempre muito felizes quando podemos induzir o nosso amigo, Sr. Mackinder, a se dirigir a nós sobre qualquer assunto, porque tudo que ele nos diz é a certeza de ser interessante, original e valioso. Para mim não há necessidade de eu apresentar um velho amigo da Sociedade para a reunião, e eu vou, portanto, ao mesmo tempo pedir-lhe para ler a sua revista”.

Após a leitura do artigo, o presidente disse: “Esperamos que o Sr. Spencer Wilkinson venha oferecer algumas críticas sobre o trabalho do Sr. Mackinder. É claro que não será possível evitar a política geográfica em certa medida”.

Sr. Spencer WILKINSON: “Ocorreu-me que a coisa mais natural e mais sincera de se dizer, no início, é tentar expressar a gratidão que, estou certo, cada um aqui sente por um dos trabalhos mais estimulantes que li por um longo tempo. Como eu estava vendo o texto, olhei com pesar em algum espaço que está desocupado aqui, e lamento profundamente que uma parte dele não foi ocupada por membros do gabinete, porque eu concluí que no trabalho do Sr. Mackinder temos duas principais doutrinas estabelecidas: a primeira, que não é totalmente nova – eu acredito que foi previsto há alguns anos atrás, no século passado – que desde a melhoria da navegação a vapor moderna de todo o mundo estabeleceu um sistema político único. Eu esqueço a expressão exata que o Sr. Mackinder usou, eu acho que ele disse que a diferença era algo como que de um escudo cair em uma estrutura fechada e caindo no espaço. Eu gostaria de expressar a mesma coisa, dizendo que, ao passo que apenas meio século atrás, os estadistas ocupavam algumas casas de um tabuleiro de xadrez, enquanto o restante estava vago; nos dias de hoje o mundo é um tabuleiro de xadrez fechado, e todos os movimentos dos estadistas devem levar em conta todos os quadrados do mesmo. Eu mesmo só posso desejar que tivéssemos ministros que pudessem dar mais tempo para estudar as suas políticas, a partir do ponto de vista que você não pode mover qualquer peça sem considerar todos os espaços do tabuleiro. Estamos muito acostumados a olhar nossa política como se ela fosse

cortada em compartimentos a prova d'água, como se cada um deles não tivesse qualquer ligação com o resto do mundo, ao passo que me parece que o grande fato de hoje é que qualquer movimento que seja feito em uma parte do mundo afeta o conjunto das relações internacionais mundiais – o que, parece-me, é lamentavelmente negligenciado, tanto na política britânica como nas discussões populares, e sou extremamente grato ao Sr. Mackinder por ter previsto tanta tensão em seu texto. Então, o outro ponto – o ponto principal na minha opinião, que ele trouxe para fora – é realmente sobre a enorme importância para o mundo da moderna expansão da Rússia. Eu não posso dizer que estou plenamente convencido de algumas analogias históricas ou precedentes do Sr. Mackinder, ao menos que estejamos a tomar o texto como se ele nos levasse a um caminho adiante. Sr. Mackinder nos levou até 400 anos atrás, e nos falou da época colombiana. Bem, eu não posso ser capaz de ir 400 anos em frente; se alguém puder ir uma geração adiante, seria grandíssimo se alguns de nós pudéssemos gerenciá-la. Agora, esses grandes movimentos de tribos da Ásia Central para a Europa e para os diferentes países marginais podem, penso eu, ser superestimados em sua importância. Eles deixaram sobreviventes ocasionais do passado, mas não deixaram o mundo muito mais rico em ideias, e muito raramente representaram qualquer alteração permanente das condições da humanidade, e eles têm sido possíveis porque as forças de expansão da Ásia Central bateram sobre uma margem muito dividida. Por exemplo, o movimento dos turcos otomanos, e antes os movimentos turcos sobre o Império Bizantino e a região que tinha sido o Império Bizantino, invariavelmente, atingiu regiões em que o governo estava em decadência ou obsoleto, e a maior parte dos movimentos que atingiu a Europa Central, ao norte do mar Negro, alcançaram a Europa num momento em que o governo estava muito pouco organizado, e quando os estados tinham muito pouca solidariedade entre eles. Portanto, eu espero que eles não proporcionem confrontos futuramente; e eu deveria estar disposto a viver sobre o fenômeno do contrabalanço, o que você teve no oeste da Europa em uma pequena ilha, que, após ter atingido a sua própria unidade política, e tendo o conflito pela sua própria independência, desenvolveu seu poder marítimo, sendo capaz de afetar as regiões marginais para adquirir uma enorme influência que nos foi revelada no mapa no qual o Sr. Mackinder mostrou o Império Britânico, de modo exagerado, porque era um mapa na projeção de Mercator, que exagera o Império Britânico, com exceção da Índia. Minha crença é que um Estado insular como o nosso pode, se mantiver o seu poder naval, assegurar o equilíbrio entre as forças divididas que atuam na área continental, e eu acredito que tenha sido a função histórica da Grã-Bretanha desde que era o Reino Unido. Agora nós encontramos um Estado menor em ascensão ao lado oposto do continente eurasiático, e não vejo uma razão preocupante para supor que esse Estado não seja capaz de exercer na orla oriental do continente asiático um poder decisivo e de influência igual ao que as Ilhas Britânicas, com uma população menor, exerce sobre a Europa”.

Sir Thomas Holdich: “Quando se faz uma leitura como a que o Sr. Mackinder acaba de nos dar, tão cheia de pensamentos e tão completamente bem elaborada, com tal quantidade de alimento para a reflexão contida nela, ele tem uma grande capacidade de assimilação moral, e muito mais segurança do que eu possuo, quer para criticar, ou mesmo discutir. Mas não é apenas uma questão que eu gostaria de perguntar ao Sr. Mackinder, e em correlação aos fatos das condições geográficas com a história da raça humana, parece-me mesmo um pouco menos importante. Sr. Mackinder disse-nos que, no início das coisas, as raças mongóis começam a partir de um centro na Alta Ásia, espalhando-se para fora, para o oeste, sul e leste, encontrando, no entanto, o Tibete como uma barreira impossível em seu caminho, e nunca exatamente ocupando a Índia. Mas devemos lembrar que antes de os mongóis se espalharem, havia outras tribos da Ásia Central que espalhavam-se igualmente em distritos que não estavam tão longe da posição que os mongóis ocuparam pela primeira vez – os citas e os arianos – e que eles conseguiram encontrar o caminho para a Índia. Isso, no entanto, é uma questão de detalhe. O que eu gostaria de saber do Sr. Mackinder é o que ele considera ser o motivo original da expansão extraordinária do país que estamos dispostos a considerar ser o berço da raça humana, para todas as diferentes partes do mundo. Era simplesmente o instinto nômade do povo, uma espécie de compulsão hereditária que os obrigava a fluir para o exterior, ou foi uma alteração real nas características físicas do país em que moravam? Sabemos que as condições físicas do mundo se alteraram muito ao longo do tempo, e parece-me impossível conciliar a ideia de um país com grande território, que deve ter tido uma população abundante, e têm apoiado essa população. Somente você pode dizer como em condições de um poder agrícola abundante, tais pessoas tiveram o desejo de difundir e vagar por outras partes do mundo, procurando não se sabe o quê. Imagino, mesmo, que um dos grandes motivos, um dos grandes motivos convincentes, é que todas estas migrações têm sido realmente provocadas por uma alteração das condições físicas do país. Esse é um ponto que me parece ser bastante importante quando estamos discutindo um assunto como este, que traz as condições da geografia como suporte sobre os fatos da história. Existe apenas outra questão que foi pouco referida e dubiamente pelo Sr. Mackinder para que eu possa mencionar. Ele apontou para a América do Sul como um possível fator nesse cinturão externo de poder, que era levar a coerção para suportar a força interior de giro sobre o sul da Rússia. Agora, pelo que eu tenho visto ultimamente, não tenho a menor dúvida de que esse será o caso. Eu olho a enorme potencialidade da América do Sul como uma potência naval. Eu acredito que, no curso de, digamos, o próximo meio século, apesar de o fato de que agora a Argentina vendeu dois navios para o Japão e Chile, vendeu um par de navios para nós – a despeito desse fato, haverá um aumento da força naval da América do Sul, decorrentes de causas puramente

naturais, para a defesa de sua própria costa e a proteção do seu próprio tráfego, que só será comparável ao extraordinário desenvolvimento que vimos durante a última metade do século no Japão. Isto parece-me, certamente, ser um dos fatores, se olharmos adiante, com o qual, no futuro da política naval do mundo, teremos que reconhecer”.

Sr. Amery: “Eu acho que é sempre muito interessante se pudermos ocasionalmente ficar longe dos detalhes da política cotidiana e tentar ver as coisas como um todo, e isso é o que mais a leitura do Sr. Mackinder tem nos estimulado esta noite. Ele nos deu toda a história e política comum em uma grande ideia abrangente. Lembro-me quando estudei Heródoto na Universidade, ele fez toda a história baseada sobre a grande luta entre o leste e o oeste. O Sr. Mackinder faz toda a história e política baseada nele mesmo, sobre a grande luta econômica entre o grande interior do Coração Continental Eurasiático e as pequenas regiões marginais e ilhas externas. Eu não tenho certeza de que essas duas lutas não são uma – ou a mesma –, porque agora nós descobrimos que o mundo é uma esfera, leste a oeste têm apenas acontecido em termos relativos. Eu poderia criticar uma coisa que o Sr. Mackinder disse, quando ele fala da Rússia como herdeira da Grécia. Não era a herdeira da antiga Grécia Helênica, mas do Bizantino, e o Bizantino era herdeiro da antiga monarquia Oriental com a linguagem grega e um toque de civilização romana jogado sobre ele. Gostaria de voltar, se eu pudesse, por um momento a esta fundação geográfica econômica a qual o Sr. Mackinder construiu a base desta leitura. Eu acho que eu poderia imaginar isso um pouco diferente. Há, a meu ver, não duas, mas três forças econômico-militares. Se começarmos com o mundo antigo, você tem uma divisão geográfica ampla para a ‘estepe’ do interior, uma terra marginal rica adequada para a agricultura e a costa; e você tem em correspondência com estas, três sistemas econômicos e militares. Há o sistema econômico e militar do país agrícola, o sistema do litoral e as pessoas da borda marítima, e o sistema das estepes; cada um tinha suas peculiares fraquezas e fontes próprias de força. O mais forte em muitos aspectos foi o estado marginal e agrícola. Lá você teve os grandes impérios militares, o egípcio, o babilônico, o império romano, o seu grande exército e infantaria de camponeses, o seu grande desenvolvimento da riqueza. Mas havia alguns elementos de fraqueza. Sua própria prosperidade, ou os defeitos de sua forma de governo, levaria finalmente à preguiça e fraqueza. Agora, fora aquele, você tem outros dois sistemas. Você teve o sistema de estepe, cuja força militar se estabeleceu, primeiramente, por sua mobilidade, e, secundariamente por sua inacessibilidade do poder agrícola mais lento. Quanto às supostas ‘hordas’ de invasores que vieram do interior, eu não acredito que sempre houve grandes hordas e grandes populações no interior. O fato é este, as populações das estepes eram pequenas como agora, mas tinham ampla mobilidade diante de exércitos que eram mais pesados e lentos e não conseguiram atacá-las. Em

tempos normais, quando os estados agrícolas eram fortes, os povos das estepes simplesmente fugiam deles, e os outros encontraram muita dificuldade para conquistá-los. Você se lembra da dificuldade das legiões romanas diante dos Partas, e eu acho que nós podemos encontrar um exemplo muito mais recente da dificuldade de um estado civilizado na conquista de um poder-estepes. Pouco tempo atrás, todo o exército britânico esteve ocupado na tentativa de forçar cerca de 40.000 ou 50.000 agricultores que viviam em uma terra de estepe seca. Aquela fotografia que o Sr. Mackinder estava mostrando-me lembra exatamente do que poderia ter sido evitado alguns meses atrás, na África do Sul. Quero dizer, essa figura de vagões cruzando o rio estava, exceto para a forma do telhado sobre o vagão, exatamente como a figura do comando dos Boers atravessando um vento. Tivemos a mesma dificuldade que todos os poderes civilizados tiveram com as pessoas da estepe. Agora, sempre que os poderes nos países civilizados periféricos vêm crescendo fracos e permitindo que pequenos exércitos sejam contratados para fazer o seu trabalho, eles entraram em dificuldades, e é aí onde, me parece, a força das estepes sempre entra. Não há nenhuma grande força econômica na base, mas o fato de que eles poderiam se retirar em seus desertos inacessíveis, e vir sobre outros em momentos de fraqueza, deram ao povo das estepes seu poder. Então há o terceiro sistema, o dos povos da costa marítima: tinham muito menos força militar genuína, mas eles tiveram maior mobilidade – a mobilidade, quero dizer, dos vikings ou dos sarracenos quando governaram o Mediterrâneo, e dos ingleses elisabetanos quando atacaram a Espanha principal. Chegando aos tempos mais modernos, tem havido certa mudança ainda maior nas condições agrícolas, e no desenvolvimento, fora dos velhos estados agrícolas das nações industrializadas. Então eu iria notar, também, que muitos países que foram estepes tornaram-se agrícolas e industriais. Você tem isso, e você tem também o fato de que, muito raramente na história, você tem um Estado aumentado seu poder sistêmico sozinho. Os turcos começaram por ser um povo das estepes, e desceram e tomaram conta da Ásia Menor; eles então formaram uma força militar regular, e conquistaram o grande império turco; finalmente, por um período se tornara a principal potência naval no Mediterrâneo. Da mesma forma, você encontra os romanos, que a fim de vencer os cartagineses, tornaram-se um poder marítimo tão bom quanto o poder terrestre; e, de fato, para um poder ser grande, deve ter estes dois poderes, finalmente. Os romanos eram uma grande potência militar com a região marginal como sua base e com o poder do mar atrás deles. Nós mesmos sempre tivemos como base a riqueza industrial da Inglaterra. O Império Russo, que abrange a região das grandes estepes, que não está mais nas mãos dos povos da idade das estepes, é realmente uma parte do mundo agrícola, que conquistou economicamente a estepe e está transformando-se em uma grande potência agrícola e industrial e, portanto, dando um poder que a estepe genuína nunca teve; o Sr. Mackinder se refere ao fato de que é apenas no século passado que

as raças agrícolas ocuparam e povoaram as estepes do sul da Rússia propriamente dita, as comprimindo por completo. E eles estão fazendo o mesmo na Ásia Central; de fato, o antigo povo da estepe tem sido totalmente comprimido, e você tem, se aproximando mais, dois poderes industriais-militares: um saindo de um centro continental, e outro começando a partir do mar, mas gradualmente indo mais para o continente a fim de formar uma grande base industrial. Sem um poder marítimo próprio porque ainda lhe falta a grande indústria, e apesar de uma população grande por trás disso, é muito fraco para ameaçar realmente e manter-se na luta mundial. Eu não pretendo fazer muito mais observações, mas há apenas um ponto, uma palavra que o Sr. Mackinder me sugeriu. A mobilidade a cavalo e camelo realmente passou, e agora é uma questão de mobilidade ferroviária contra uma mobilidade no mar. Gostaria de dizer que a mobilidade no mar tem aumentado enormemente o poderio militar em relação ao que era antigamente, especialmente o número de homens que podem ser transportados. Nos velhos tempos, os navios tinham mobilidade o suficiente, porém eles levavam poucos homens, e contra os ataques dos povos marítimos, as pessoas eram relativamente fracas. Não estou a sugerir nada de político agora, apenas afirmo um fato, que quando digo que o mar é muito melhor para transportar tropas do que qualquer outra coisa, a exceção, claro, de quinze ou vinte linhas de estrada de ferro paralelas. O que eu me refiro a isto: é que o mar e a estrada de ferro vão futuramente – pode ser logo ou pode demorar um pouco – ser completados pelo ar como meio de locomoção, e quando chegamos ao que (como estamos falando das grandes épocas colombianas, eu acho que pode ser permitido olhar um pouco para a frente) – quando chegarmos a isso, uma grande ação de distribuição geográfica deve perder a sua importância, e os poderes bem sucedidos serão aqueles que têm a maior base industrial. Não importa se eles estão no centro de um continente ou numa ilha, as pessoas que detiverem o poder industrial, o poder da invenção, o poder da ciência, serão capazes de derrotar todos os outros. Deixarei isso como uma sugestão de despedida”.

Sr. Hogarth: “Como está tarde e a temperatura bastante baixa, não vou ocupar seu tempo com observações muito longas. Nós, certamente, tivemos um texto maravilhosamente sugestivo, e acho que não é necessário informar o leitor sobre o texto, e ninguém que tenha ouvido isso tentou e pensou imperialmente. Gostaria apenas de perguntar ao Sr. Mackinder, quando ele responder, para me esclarecer a cerca de um ponto. Será que ele realmente quer dar a entender que – eu acho que é um fato interessante, se a intenção é de estabelecer isso – se o estado de coisas que se passa no interior da área pivô será totalmente diferente de tudo o que foi visto lá antes? Ou seja, algo como se um estado estacionário de coisas tem sido questionado, e o país está sendo desenvolvido, até que ele seja mesmo capaz de exportar seus produtos para o resto do mundo, e por isso nunca veremos

novamente o estado de coisas que já existiu em toda a história antiga, em que uma grande região central, que tem continuamente enviado suas populações para baixo, rumo aos países marginais, enquanto esses países têm devolvido as suas influências da civilização, cada uma funcionando sobre outra. A última observação que eu gostaria de fazer é de reforçar a objeção do Sr. Amery à continuidade histórica Greco-Eslavo proposta pelo Sr. Mackinder. Receio que não posso aceitar a divisão da civilização entre os gregos e os romanos. A Rússia pode ser chamada de um país civilizado, neste momento, penso eu, por não ter sido civilizada pela Igreja Ortodoxa, na verdade, eu ainda tenho que aprender sobre alguma influência civilizadora exercida pela Igreja Ortodoxa em grande escala. Sua civilização é muito mais devido à cultura social que foi introduzida por Pedro o Grande, e que era mais romano que grego. Mas é à minha primeira pergunta que eu gostaria que o Sr. Mackinder desse uma resposta clara. Gostaria de saber o que ele prevê seriamente que será o efeito sobre o mundo desta nova distinção entre as áreas periféricas e o Pivô Central”.

Sr. MAKINDER: “Eu tenho que agradecer a todos os oradores por pontilhar os meus “is” e por cortar os meus “tês”. Estou encantado por encontrar a minha fórmula de trabalho tão bem. Eu quero dizer exatamente o que diz o Sr. Hogarth, quero dizer que pela primeira vez na história registrada – e isto é em resposta a Sir Thomas Holdich também – você tem uma grande população estacionária sendo desenvolvida nas estepes. Esta é uma revolução mundial que temos que enfrentar e considerar. Duvido muito, e aí eu concordo com o Sr. Amery, que os números que vieram do coração da Ásia eram muito grandes. Parece-me que, como ele coloca, a sua mobilidade era da própria essência da coisa toda. Um pequeno número de pessoas vindas das estepes poderiam fazer muitas coisas, dada a mobilidade relativa em comparação com a população agrícola. Com relação a questão do Sir Thomas Holdich sobre o que deve enviá-los adiante, Sir Clements Markham apontou que os nômades não emanam uma única vez. Eu tratei com o fato de que durante mil anos os povos nômades vieram através da Rússia. Não vejo que quando você tem essa constante sucessão de descidas às terras periféricas, você é chamado a perguntar sobre qualquer mudança física especial a explicá-la. Devido aos registros que temos desde o tempo dos mais antigos gregos descrevendo os bebedores de leite dos mares, e retratam para nós o hino de vida nômade, eu começo com o fato de que estes povos eram nômades e permaneceram nômades por dois mil anos, e eu não vejo nenhuma evidência de que nós precisamos pôr a explicação em qualquer grande mudança física ou, ainda, assumir qualquer grande resolução populacional. Tanto quanto eu posso ver, Sven Hedin recusa a ideia de que você deve necessariamente recorrer a uma grande mudança climática, a fim de explicar a existência de restos na Ásia Central. Você tem ventos fortes e muita areia, e de vez em quando a areia é varrida ao longo de centenas de milhas através do deserto. A areia determina o fluxo dos rios e a posição

dos lagos, e algumas grandes tempestades desviam um rio para outro curso, sem dúvida, suficientemente para arruinar uma cidade abandonada pela água. O simples fato de que havia nômades, e que não foram os países ricos a serem saqueados. Parece-me ser quase suficiente para a minha teoria. No futuro, penso eu, você é obrigado a ter diferentes províncias econômicas, umas baseadas principalmente no mar e outras no coração do continente sobre ferrovias. Eu não acho que o Sr. Amery tem considerado suficientemente o fato de haver exércitos muito maiores que não podem ser movidos maritimamente. Os alemães marcharam cerca de um milhão de homens para a França, eles marcharam, e usaram as ferrovias para o reabastecimento. A Rússia, por seu sistema de tarifas e por outro lado, experimenta constante aceleração da realização do que eu posso chamar de sistema não-oceânico. Sua política de todo, pelo seu sistema de tarifas, por sua quebra de bitola em seu transporte ferroviário, consiste em separar-se da concorrência externa oceânica. No que diz respeito aos fundamentos do poder do mar para a riqueza industrial, eu concordo absolutamente. O que eu sugiro é que, a grande riqueza industrial na Sibéria e na Rússia europeia – e uma conquista de algumas das regiões marginais – daria a base para uma frota necessária para fundar o império mundial. Sr. Amery tem uma forma de colocar os três poderes um pouco diferente da minha, mas é essencialmente a mesma. Eu questiono sobre uma mobilidade interna terrestre, uma margem densamente povoada, e sobre as forças marítimas externas. É verdade que os homens a camelo e a cavalo estão indo, mas minha sugestão é que o transporte ferroviário irá tomar o seu lugar, e então você será capaz de poder ir de um lado a outro desta área. Meu objetivo não é de prever um grande futuro para este ou aquele país, mas fazer uma fórmula geográfica em que você pode se adaptar a qualquer equilíbrio político.

Houve um ponto em relação aos Gregos-Eslavos: no sentido em que o Sr. Hogarth e Sr. Amery tenham me levado, eu concordo com eles, mas depois de tudo, o que eu não posso deixar de sentir, é que o cristianismo caiu em dois solos muito diferentes – o filosófico grego e o romano jurídico, e que tem influenciado de forma diferente, conseqüentemente, os eslavos e os teutões. No entanto, isso é um mero incidente, e se eu qualifico a minha declaração falando dos Bizantinos, vou então chegar perto do que o Sr. Amery pergunta, e eu acho que deve acabar com a necessidade de introduzir os exemplos de Roma, que o Sr. Hogarth apresentou. No que se refere às potencialidades da terra e do povo, gostaria de salientar que hoje, na Europa, são mais de 40 milhões de pessoas na estepe russa, e não é de forma ainda densamente ocupada que a população russa vai, provavelmente, aumentar mais depressa do que qualquer outra grande população civilizada, ou semicivilizada, no mundo. Com uma população francesa decrescente, e um não aumento da britânica tão rápido como era, e as populações de nativos dos Estados Unidos e Austrália quase chegando a uma estagnação, você tem que encarar o fato de que em cem anos 40.000.000 de pessoas ocuparam um simples canto



da estepe. Acho que você está no caminho para uma população que será numerada em cem milhões, e esta é uma tendência que você deve levar em conta na atribuição de valores às quantidades variáveis na equação do poder para o qual eu estava buscando uma fórmula geográfica. O ponto que diz respeito à Coreia e ao Golfo Pérsico que foi colocado pelo Sr. Spencer Wilkinson, ilustra exatamente a minha correlação das questões do Extremo Oriente, Oriente Médio e Oriente Próximo. Eu represento isso como sendo a atual forma temporária de colisão entre as forças internas e externas agindo através da zona intermediária, que é a sede das forças independentes. Concordo plenamente que a função da Grã-Bretanha e do Japão é agir sobre a região marginal, mantendo o equilíbrio de poder lá contra as forças expansivas internas. Eu acredito que o futuro do mundo depende da manutenção desse equilíbrio de poder. Parece-me que a nossa fórmula deixa claro que devemos cuidar para que não sejamos expulsos da região periférica. Devemos manter nossa posição, e então, aconteça o que acontecer, estaremos bastante seguros. O aumento da população nas regiões do interior e a estagnação do crescimento nas regiões periféricas podem ser bastante sérios, mas talvez a América do Sul venha para nos ajudar”.

O PRESIDENTE: “Eu confesso que tenho estado fascinado pelo texto do Sr. Mackinder, e eu podia ver pela atenção com que foi ouvido pela plateia que todos compartilhavam o meu sentimento a este respeito. O Sr. Mackinder tem trabalhado a velha história desde os primórdios da história, a luta entre Ormerzd e Ahriman, e ele mostrou-nos como a luta continuou desde os primórdios da história até os dias atuais. Ele explicou tudo isso para nós com um brilho de descrição e de ilustração, com uma compreensão estreita sobre o assunto, e com uma clareza de argumentação, que raramente tivemos igual nesta sala. Tenho certeza que será dado votos unânimes de agradecimento ao Sr. Mackinder por seu trabalho mais interessante desta noite”.